

# Orquestra Gulbenkian

Krzysztof Urbanski  
Alina Ibragimova



**13 + 14 mar 25**

**13 mar 25** QUINTA 20:00

**14 mar 25** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## Orquestra Gulbenkian

**Krzysztof Urbanski** Maestro

**Alina Ibragimova** Violino

### **Sergei Prokofiev**

Concerto para Violino e Orquestra n.º 1,  
em Ré maior, op. 19

c. 23 min.

1. *Andantino*
2. *Scherzo: Vivacissimo*
3. *Moderato – Allegro moderato*

INTERVALO

### **Dmitri Chostakovitch**

Sinfonia n.º 10, em Mi menor, op. 93

c. 52 min.

1. *Moderato*
2. *Allegro*
3. *Allegretto – Largo – Più mosso*
4. *Andante – Allegro – Listesso tempo*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.  
INTERVALO DE 20 MIN.

# Sergei Prokofiev

(Sontsivka, 1891 – Moscovo, 1953)

## Concerto para Violino e Orquestra n.º 1, em Ré maior, op. 19

—

COMPOSIÇÃO 1916-1917

ESTREIA Paris, 18 de outubro de 1923

DURAÇÃO c. 23 min.

O compositor e pianista Sergei Prokofiev é tido como uma das figuras mais relevantes da música do século XX, tendo sido autor de uma vasta produção que abrange o campo da ópera, do bailado, da música para cinema, da sinfonia, do concerto, da música de câmara e da canção. Em termos estilísticos, a sua música é marcada pelo caráter idiossincrático em termos melódicos e harmónicos, bem como ao nível da escrita orquestral. Se no início da sua carreira é manifesta a influência das tradições românticas russas – que procurou levar a um ponto exacerbado e caricatural –, ao longo da segunda década do século XX deparar-se-ia com diferentes vias do modernismo, para as quais deu também o seu contributo.

Em 1915 o compositor iniciava a escrita do que previa ser um concertino para violino e orquestra, que rapidamente interrompeu para se concentrar na sua ópera *O jogador*. Quando retomou o projeto no final de 1916, optou por conceder-lhe dimensões mais alargadas, mesmo preservando o material musical definido. Seria já em maio de 1917, durante uma viagem por rios do Cáucaso,

para onde se retirara na sequência dos acontecimentos de fevereiro, que completaria a orquestração deste Concerto para Violino e Orquestra n.º 1, em Ré maior, op. 19. Na conceção da parte solística, Prokofiev tinha contado com os esclarecimentos do violinista polaco Paul Kochanski, convidado para estrear a obra em Petrogrado em novembro, mas o plano viria a ser cancelado devido à turbulência política desse mês. Pouco depois, o compositor fazia as malas para lançar a sua carreira nos EUA e na Europa, e seria justamente em Paris que a *première* teria lugar, a 18 de outubro de 1923, no âmbito da afamada série de concertos sinfónicos que Sergei Koussevitzky dirigia na capital francesa, com o seu concertino Marcel Darrieux como solista.

A ordem dos andamentos inverte a habitual lógica rápido-lento-rápido. Primeiro, um etéreo *Andantino* abre com uma inspirada melodia lírica no violino solista, marcada *sognando*, com o acompanhamento de trémulos cintilantes nas violas. Esta vulnerabilidade emocional dá gradualmente lugar a um registo mais apaixonado, até que surge uma nova ideia contrastante, mais contundente e jocosa, marcada *narrante*, que proporciona oportunidade para a exibição virtuosística. O intenso desenvolvimento elabora essencialmente o material do primeiro tema, e após uma breve reexposição, em que essa ideia é recordada pela flauta, acompanhada pelo solista e pela harpa, o andamento encerra calmamente, recuperando a atmosfera em que se iniciou.

Segue-se o *Scherzo: Vivacissimo*, em Mi menor, concebido à maneira de um rondó, que envolve uma abordagem pirotécnica muito engenhosa às possibilidades idiomáticas do violino. O primeiro tema, travesso, é apresentado pelo solista, pontuado por comentários de outras cordas, sobre as notas repetidas metronomicamente pelas madeiras. Num primeiro episódio, a música envereda por uma marcha burlasca, acompanhada pela cordas em *pizzicato*, e após um breve regresso do tema inicial tem início novo episódio, agora numa atmosfera algo mais diabólica, sendo as figurações rodopiantes do solista comentadas por passagens sinistras de sopros agudos e graves. O refrão é ouvido uma última vez antes de este *scherzo* terminar com uma intervenção interrogativa da orquestra.

Recuperando a serenidade do princípio, o terceiro andamento inicia-se com uma ideia saltitante no fagote, que anuncia a entrada do violino com uma melodia expressiva. Quando o tempo acelera, o solista torna-se algo mais agitado, com um motivo em notas duplas, encetando um crescendo contínuo de intensidade, com o apoio das cores orquestrais. O processo é brevemente interrompido por uma ideia mais tranquila, que logo dá lugar a figurações velozes, culminando desta feita a acumulação de tensão num regresso do pacífico tema principal do primeiro andamento, profusamente ornamentado com trilos rodopiantes, desvanecendo-se a música em sonoridades diáfanas.

## Dmitri Chostakovitch

(São Petersburgo, 1906 – Moscovo, 1975)

### Sinfonia n.º 10, em Mi menor, op. 93

—

COMPOSIÇÃO 1953

ESTREIA Leninegrado, 17 de dezembro de 1953

DURAÇÃO c. 52 min.

Dmitri Chostakovitch destacou-se como provavelmente o principal sinfonista da história da música de meados do século XX. Com efeito, no catálogo da sua obra avultam as 15 sinfonias que compõem e que constituem um testemunho revelador do seu percurso estilístico. A linguagem musical que desenvolveu conciliava diversas influências e caracterizava-se pelo seu intenso poder emocional, narrando frequentemente a sociedade e o tempo em que viveu – o complexo contexto político e social da União Soviética –, muitas vezes comportando até mensagens políticas encriptadas.

A Sinfonia n.º 10, em Mi menor, op. 93, foi escrita na casa de campo em Komorovo, perto de Leninegrado, entre os meses de julho e outubro de 1953, remontando os primeiros esboços ao ano de 1946. A estreia teve lugar a 17 de dezembro de 1953, com a Orquestra Filarmónica de Leninegrado sob a direção de Evgeni Mravinski, desde há muito amigo do compositor e promotor da sua música. Esta é uma obra marcada pela sua atmosfera emocional acentuadamente trágica e violenta, atenuada apenas nos triunfantes dois minutos finais,

o que fez com que rapidamente se tivesse estabelecido a interpretação de que se tratava de uma reflexão sobre o jugo do medo imposto pelo regime de Stalin, que Chostakovitch, aliás, também pôde sentir em primeira mão, vendo proscritas muitas das suas obras. Na verdade, o compositor não abordava o género desde que a condenação de 1948, ainda mais severa que a de 1936, tinha proibido a sua música, na sequência do escândalo verificado em torno da sua Sinfonia n.º 9, e o próprio assumiria, nas suas memórias, que na nova sinfonia tivera a intenção de descrever por música os anos desse regime e a figura desse ditador, avançando nesse sentido pouco após a sua morte em 5 de março de 1953 (não obstante, alguns especialistas contestam a veracidade da confissão, considerando a utilidade de tal afirmação para um compositor que então pretendia promover-se no Ocidente.)

O primeiro andamento, próximo da forma sonata, abre com um primeiro grupo temático, que começa com uma ideia das cordas graves, baseada num motivo de seis notas, emergindo depois uma melodia taciturna no clarinete, que gradualmente atinge proporções dolorosas. A flauta inicia um segundo grupo temático, com uma melodia saltitante que configura uma valsa maliciosa, e o fagote lança uma secção central em que é construído um clímax poderoso e ameaçador. Na reta final, a música dilui-se com tranquilidade.

Segue-se um *Allegro*, um curto e selvagem *scherzo* assemelhado a uma marcha rápida, implacável e terrífica, que o compositor

chegou a afirmar ser “um retrato musical de Stalin”. O frenético motivo principal, apresentado sobre acompanhamento excêntrico, percorre diferentes secções até uma proclamação final pelos metais, enquanto cordas e sopros intervêm com estridência no registo agudo e percussões se fazem ouvir com crueldade, contribuindo para gerar o pânico.

O terceiro andamento consiste numa valsa em que Chostakovitch emprega um dispositivo que se encontra em muitas outras composições suas: um motivo baseado no monograma DSCH (Ré, Mi bemol, Dó, Si), derivado da transliteração do seu nome em alemão, que usava como representação de si próprio. Introduzido por flautas e clarinetes, este motivo dialogará com um outro motivo tocado repetidamente pela trompa, evocando este o nome de Elmira Nazirova (E-La-Mi-Re-A), pupila com quem mantinha correspondência intensa por altura da composição da obra.

Por fim, o último andamento inicia-se com um interrogativo solo de oboé, comentado pela flauta e pelo fagote, até que o clarinete lança a secção seguinte, mais acelerada e demente, à maneira de uma dança russa (um *gopak*, evocativo da Geórgia natal de Stalin), que inclui várias citações de temas ouvidos anteriormente. Uma explosão do motivo DSCH nos metais e na percussão vem suspender a loucura, e a música avança desassomburada para uma conclusão triunfante.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

## Krzysztof Urbański

O maestro polaco Krzysztof Urbański foi Maestro Principal e Diretor Artístico da Orquestra Sinfônica e Ópera de Trondheim (2010-2017), Diretor Musical da Sinfônica de Indianápolis (2011-2021) e Maestro Convidado Principal da Sinfônica de Tóquio (2012-2016) e da NDR Elbphilharmonie Orchester (2015-2021). Em 2022 foi nomeado Maestro Convidado Principal da Orchestra della Svizzera Italiana. Desde o início da presente temporada, é Maestro Principal da Sinfônica de Berna e Diretor Artístico da Filarmônica de Varsóvia. Como maestro convidado, dirige regularmente as orquestras polacas e muitas das grandes orquestras mundiais como a Sinfônica da Rádio da Baviera, a Filarmônica de Berlim, a Staatskapelle Dresden, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Sinfônica de Londres, a Orquestra do Tonhalle de Zurique, a Orquestra de Paris, a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova Iorque, a Filarmônica de Los Angeles ou a Sinfônica de São Francisco, entre outras.

Para além do regresso à Orquestra Gulbenkian, em 2024/25 dirige a Filarmônica de Munique, a Bayerische Staatsorchester, a Sinfônica de Tóquio, a Filarmônica de Dresden e a Sinfônica de Bamberg e estreia-se à frente da Orquestra Metropolitana de Tóquio. Dirige uma produção de *Fidelio* de Beethoven na Ópera de Zurique. Com a NDR Elbphilharmonie Orchester, gravou obras de Lutosławski, a 9.<sup>a</sup> Sinfonia de Dvořák, *A Sagração da Primavera* de Stravinsky, a Sinfonia n.º 5 de Chostakovitch e obras de R. Strauss. A sua discografia inclui também peças curtas de Chopin, com o pianista Jan Lisiecki (prémio *Echo Klassik*), e o Concerto para Violoncelo n.º 1 de Martinů, com Sol Gabetta e a Filarmônica de Berlim. Em 2015 recebeu o Prémio Leonard Bernstein no Festival de Música de Schleswig-Holstein.

## Alina Ibragimova

Alina Ibragimova nasceu em Polevskoi, na Rússia. Iniciou os seus estudos formais na Escola Gnesin de Moscovo e prosseguiu a sua formação e aperfeiçoamento no Reino Unido, na Yehudi Menuhin School e no Royal College of Music. O seu repertório estende-se da música do Barroco até à estreia de obras contemporâneas, abordando com igual desenvoltura e apuro técnico os instrumentos modernos e os de época. Para além da Orquestra Gulbenkian, na temporada 2024/25 colabora com a Filarmônica de Londres, a Sinfônica de Detroit, a Sinfônica da Rádio de Berlim, a Sinfônica de Bamberg, a Sinfônica WDR, a Sinfônica de Düsseldorf, a City of Birmingham Symphony e a Orquestra de Câmara Sueca. Dá continuidade à parceira com o pianista Cédric Tiberghien, em recitais nos EUA, no Reino Unido e no Japão. Recentemente, foi artista em residência da Mahler Chamber Orchestra e realizou digressões europeias com a Orquestra de Câmara Escocesa e a Orquestra de Câmara de Basileia. Em recital, apresenta-se regularmente no Wigmore Hall de Londres, no Concertgebouw de Amsterdão, na Pierre Boulez Saal de Berlim, no Mozarteum de Salzburgo e na Elbphilharmonie de Hamburgo. É membro fundadora do Quarteto Chiaroscuro. A sua discografia estende-se dos Concertos de Bach, com o ensemble Arcangelo, até à Sonatas de Prokofiev, com Steven Osborne. A gravação dos Concertos para Violino de Chostakovitch (2020) recebeu um prémio *Gramophone*. Foi agraciada com o *Borletti-Buitoni Trust Award* (2008), o *Classical BRIT Award* (2009) e o *Royal Philharmonic Society Young Artist Award* (2010). Em 2016 foi distinguida com um MBE (*Member of the Most Excellent Order of the British Empire*). Alina Ibragimova toca um violino Anselmo Bellosio de 1775, gentilmente cedido por Georg von Opel.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsubulevsky CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR  
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Matilde Araújo  
Catarina Ferreira  
Rui Cristão  
João Castro\*  
César Nogueira\*  
Rosa de Sá\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Piotr Rachwał 2º SOLISTA  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Margarida Queirós  
Camille Bughin  
Francisca Fins  
Miguel Simões  
Asilkan Pargana  
Catarina Resende  
Bernardo Barreira\*  
Ana Sofia Faria\*  
Ana Isabel Malheiro\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Micaela Miranda

Raquel Noemi

Márcia Marques

Sara Farinha

Bárbara Ferreira

Íris Almeida\*

Mariana Moreira\*

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Emeraude Bellier 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

João Valpaços

Hugo Paiva

Maria José Falcão\*

Maria Leonor Moniz\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 1º SOLISTA

Marine Triolet 2º SOLISTA

Miguel Menezes

Diogo Pereira

Pedro Barbosa\*

Luís Ferreira\*

Raquel Neto\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

João Moreira 1º SOLISTA\*

Samuel Marques 2º SOLISTA\*

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Nelson Silva 1º SOLISTA\*

Rodrigo Carreira 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

## TUBAS

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA\*

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Marco Fernandes 2º SOLISTA\*

Cristiano Rios 2º SOLISTA\*

Tomás Rosa 2º SOLISTA\*

## HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

—

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

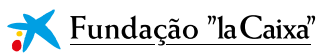
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

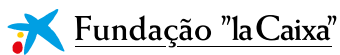
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

